

## SONETO DO INDIGENTE

Quando eu morrer me enterrem em cova rasa,  
Transportando o meu corpo numa rede  
Suspensa de um varal. Uma parede  
Só, de terra só, seja a minha casa

Derradeira. Simples contato de asa  
Que passou, minha vida, minha sede  
Parcamente terá a doce terra. Vede,  
Antes de morrer, já sou lama e vasa.

Forma serei, no chão comum, maciça,  
Confusa, misturada na carniça  
Dos que aqui viveram vida esquecida.

Do que, só por nascer, já se consome  
Sem molestar ninguém com sua fome:  
– Se de morte morreu – recém-nascida. . .